

SEXTA-FEIRA

ESPECIAL

Mossoró - RN
17 de outubro de 2008
Caderno do jornal
O Mossoroense

Uma História de 136 Anos



Há 136 anos Jeremias da Rocha Nogueira fundava "O Mossoroense"

O então semanário surgiu como resposta ao acirramento político entre conservadores e liberais

"Semanário, político, comercial, noticioso e literário". Com esta frase em seu frontispício, nascia no dia 17 de outubro de 1872 o jornal **O Mossoroense**. Fundado por Jeremias da Rocha Nogueira, o periódico então chamado apenas de Mossoroense se dispunha a defender os interesses do Partido Liberal.

Surgido no fim do primeiro período do jornalismo brasileiro, que se estendeu de 1808, com o aparecimento da Gazeta do Rio de Janeiro, pertencente ao governo monárquico, e do Correio Braziliense ou Armazém Literário, de Hipólito da Costa, até o ano de 1880, o jornal de Jeremias despontou como resposta ao acirramento político entre liberais e conservadores.

Apesar da relativa calma na política nacional em 1872, com a economia brasileira ainda fragilizada por consequência da Guerra do Paraguai e o pensamento abolicionista defendido "nas asas do condor", em Mossoró a situação era diferente.

O pleito para a escolha de vereadores e juizes de paz em 07 de dezembro de 1872, foi o estopim da guerra que fez surgir, em 17 de outubro seguinte, o jornal **O Mossoroense**. Após a votação, o padre Antonio Joaquim Rodrigues, líder dos conservadores, levou às urnas para serem apuradas no interior da igreja. Capangas armados de porrete e punhal posicionados nas portas do templo impediram a entrada de adversários.

Diante do fato, Jeremias da Rocha Nogueira, com seu espírito combativo, começou a organizar o jornal. As máquinas e o material tipográfico foram comprados em Recife. A linha adotada pelo semanário,

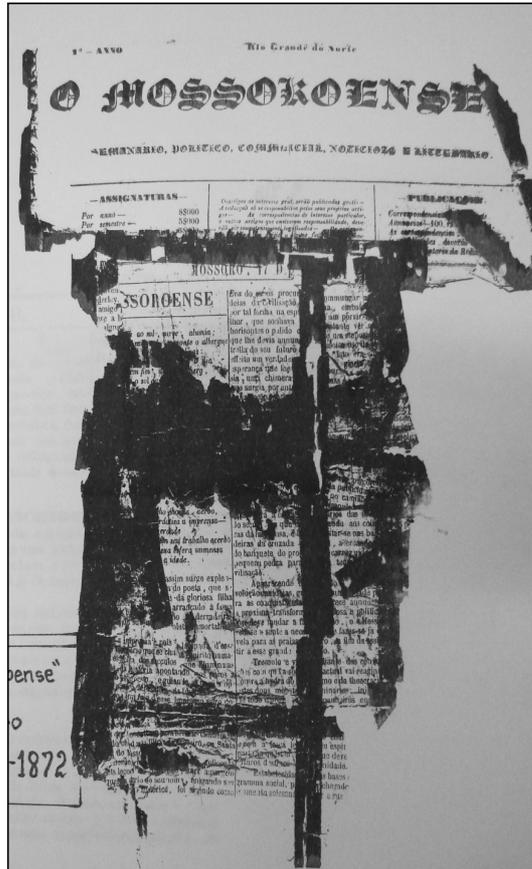
que tinha também como redatores José Damião de Souza Melo, um dos chefes liberais, e Ricardo Vieira do Couto, refletia o pensamento liberal e as características da época.

A tipografia de Jeremias, onde o jornal era impresso por José Soares de Couto Lima, chamava-se Typographia Mossoroense, mudando em 22 de dezembro de 1872 para Typographia Liberal Mossoroense.

O papel utilizado para imprimir **O Mossoroense** vinha do norte do País, no Vapor Pirapama.

Boa parte dos editoriais publicados na primeira fase do **O Mossoroense**, que se estendeu até 1876, tinha como alvo os conservadores. Um desses textos, assinado por José Damião, com o pseudônimo de "Velho da Montanha", atacava o bispo da região chamando-o de celerado e vigário mossoroense de fingido e subserviente.

O historiador Vingt-un Rosa diz, em seu livro Mossoró: "Jeremias da Rocha Nogueira é o pai da imprensa mossoroense. Possuía daquela coragem do português do século das descobertas, aquele descendente do alferes Manoel Nogueira de Lucena nunca se acovardou ante o coronelismo dos políticos de seu tempo. Por isto, nós nos acostumamos a ver O Mossoroense o órgão reto e sensato da elite intelectual de Mossoró. Nele colaboraram os expoentes maiores da nossa inteligência: Jeremias da Rocha Nogueira, José Damião de Souza Melo, o português-brasileiro, na expressão de Almino Afonso, Alfredo de Souza Melo, Antônio Gomes de Arruda Barreto, João da Escóssia e outros".



Fac-símile da primeira edição do **O Mossoroense**

"A IMPRENSA NÃO MORRE, PORQUE NÃO MORRE A LIBERDADE!"

(JEREMIAS DA ROCHA NOGUEIRA)

Combatido pelos seus adversários desde o início, **O Mossoroense** nunca deixou de abater, mesmo enfrentando situações difíceis e tentativas de intimidação.

Contam que, em 1º de janeiro de 1875, enfurecidos devido a comentários publicados no **O Mossoroense**, na seção intitulada Mofina, o deputado provincial Rafael Archanjo da Fonseca e o guarda da Mesa de Renda José Tertuliano contrataram cerca de 10 capangas para tentar assassinar os redatores do jornal. Nesse episódio aparece a valente figura de Anna Floriano, mãe de Jeremias da Rocha e comandante do Motim das Mulheres, que teria se armado com um espeto de ferro para defender o filho, José Damião e Ricardo Vieira do Couto de uma tentativa de assassinato.

Após bebedeira e baderna pelas ruas da cidade, ainda segundo alguns autores e a tradição oral dos Escóssias, o grupo de Rafael Archanjo se dirigiu à redação do jornal, se deparando com Anna Floriano, que os esperava na entrada do estabelecimento, armada com um espeto. - Quem subir à escada morre na ponta deste espeto! - teria dito a mãe de Jeremias. Desgraça maior não aconteceu graças à intervenção de terceiros.

Na primeira edição após esse ataque, publicada a 13 de janeiro de 1875, **O Mossoroense** chegava às ruas com manifesto assinado por Jeremias da Rocha Nogueira, personificação da coragem materna, no qual comenta o acontecimento e classifica os pretensos invasores como facínoras, sanguinários, celerados e canibais.

MANIFESTO PUBLICADO NA 1ª EDIÇÃO DO MOSSOROENSE, EM 17 DE OUTUBRO DE 1872

"Dissera Deus ao sol: surge, alumia!
E iluminou-se o val, o monte o albergue,
O fruto, a flor, as palmas
Mas do espirito a luz chegara o dia,
O seu fiat, em fim, diz Gutemberg,
E fez-se o sol das almas.

Do templo do trabalho é hósta, verbo
Sacrário, luz, sacerdotiza a imprensa
- A mãe da liberdade.

Que ampara o gênio em seu trabalho acerbo,
E abarca as eras em sua esfera imensa
Prendendo idade a idade.

(T. Ribeiro)

Que a imprensa é o farol que guia o naufrago nos procelosos mares da vida através da cerrada noite da ignorância à luz dos espíritos que se derrama e acende nos crâneos apagados, o sol das almas, em fim, que se irradia nas frentes a que serve de luminosa aureola, disse muito bem aquele mavioso poeta nos arroubos do seu mais inspirado lirismo.

Quando a verdade assim surge esplendorosa, irradiando a alma do poeta que se ajoelha em adoração diante da gloriosa filha de Gutemberg, parece ter arancado à fama os últimos títulos ao gênio as derradeiras estrofes da sua mais completa imortalidade. Se a imprensa é, pois, a lâmpada desse grande Universo que se chama espírito humano, a estrela dos séculos, que ilumina as páginas da história apontando os povos a Canaan do progresso, e guiando as nações opressas para a Jerusalém da liberdade, força é que um raio desse luminoso astro dos dois emis-

ferios, cuja luz parece já inundar toda a extensão da America meridional, rasgue com faísca elétrica o denso veu das trevas que ocultava para brilhar também no azulado céu desta filha do Cruzeiro, de Santa Luzia de Mossoró.

Desde que esta jovem cidade, colocada a sete leguas do Atlântico, sobre a margem esquerda do rio do seu nome, renegando seu negro passado histórico, foi surgindo como Eva do caos procurando comungar as idéias da civilização moderna, embalou-se por tal força na esperança de um porvir melhor, que sonhava a todo o instante ver nos horizontes o palido clarão de um crepúsculo que lhe devia anunciar o nascimento da estrela, de seu futuro destino. Isto era com efeito um verdadeiro sonho de glória, uma esperança que lhe sorria e dourava a fantasia, uma quimera talvez, mas o Iris da fé, que surgiu por entre os dourados painéis da imaginação, veio finalmente pousar

na frente da filha da floresta e dizer-lhe que no relógio dos tempos iria em breve para ela soar a hora de um grande dia.

E souo. Convertera-se em realidade a idéia grandiosa que Mossoró um dia sonhara, e o "MOSSOROENSE" apareceu.

Tinha chegado o momento de sua aurora de luz.

Vai pois, o novo recém-nascido percorrer pela vez primeira o mundo da publicidade.

Sentindo-se ao entrar no caminho da vida, levado pelos primeiros impulsos do coração para a corentezia elétrica das Idéias do século em que nascera, saída aos colegas da imprensa, e corre a alistar-se nas bandeiras da cruzada reformista, acerecendo-se do banquete do progresso, e carregando sua pequena pedra para o grande templo da civilização.

Aparecendo no momento em que a revolução das idéias, guiando a humanidade para as conquistas da razão,

parece anunciar próxima transformação religiosa e política que deve mudar a face do globo, o "Mossoroense" sente a necessidade de fazer-se já de vela para as praias do futuro, a fim de assistir a esse grande espetáculo.

Tremulo e vacilante diante das convulsões com que a sociedade atual reagindo contra a hidra do despotismo e da teocracia, estes dois monstros sanguinários, inimigos de todo o progresso, e companheiros inseparáveis da superstição e da tirania que, denegando a história dos povos, tem cavado a sepultura das nacionalidades, o novo Atila entra no mundo jornalístico cheio de temor e com a fraca luz de seu espírito a tomar parte na questão magna que deve decidir os futuros destinos da humanidade.

Estabelecidas assim as bases do seu programa social, parece ter chegado o momento solene de fazer a sua profissão de fé religiosa".

ANTIJESUÍTIPO

Mostrando simpatia pelo protestantismo e criticando os conservadores, em sua 19ª edição do dia 22 de fevereiro de 1873, Jeremias da Rocha definiu o conservador e jesuíta:

"Conservador e jesuíta portanto são dous aliados perversos, que azafamando-se em repellar toda a iniciativa como um perigo, em manter toda a instituição anachronica, como um princípio sagrado e em proclamar a imobilidade nas forças sociais, introduzindo a eternidade em todas as couzas humanas e conservando as gerações e o mundo em uma infancia perpetua, devem ser considerados e proclamados urbi et orbi como os maiores inimigos do pro-

gresso social e da perfectibilidade do genero humano".

E foi a partir do número 28, de 26 de abril de 1873, que **O Mossoroense** passou a adotar em seu frontispício a famosa inscrição: "Semanário, político, comercial, noticioso e antijesuítico", mantida até 8 de novembro do mesmo ano. Na edição de 2 de fevereiro de 1874, **O Mossoroense** já é "Órgão do Partido Liberal de Mossoró - Dedicado aos interesses do município, da província e da humanidade em geral".

Segundo o jornalista, diretor de **O Mossoroense** e neto de Jeremias da Rocha Nogueira, Lauro da Escóssia, "desde os primeiros instantes, o jornal se escudou numa campanha ostensiva à pessoa

do vigário político, de quem um instante sequer se distanciou em o atacar em todos os sentidos e por todos os meios condizentes com a imprensa escrita.

Sem nenhum temor, mesmo enfrentando ódios e vinganças que se formaram contra o jornal, Jeremias da Rocha Nogueira e seus companheiros de redação receberam o desafio que a contingência política do momento se evidenciava.

Respondia em letras de fogo a palavra vinda do púlpito. Apoiou o jornal a Questão Religiosa de que resultou a prisão de Frei Vital e do Bispo do Pará, Cerrando fileiras ao lado da maçonaria nacional, frontalmente contra a vontade do vigário a implantação de uma sociedade de pedreiros livres em Mossoró".

TRECHOS DO MANIFESTO PUBLICADO EM 24 DE OUTUBRO DE 1874 POR JEREMIAS DA ROCHA EM COMEMORAÇÃO AO 2º ANIVERSÁRIO DO MOSSOROENSE.

"A bandeira do Mossoroense é a da liberdade; não a liberdade que assiste ao senhor na compreensão do escravo; mas a liberdade de iguaes e de irmãos.

[...]

Elle caminha e busca a liberdade completa e real aonde quer que ella esteja.

[...]

O Mossoroense sem desviar-se um ápice do caminho, que a justiça e a razão lhe tem apontado, acompanhará nas lides os obreiros do progresso, entoando em coro sob a luz resplandecente da verdade, hynnos a Deus, a Patria e á Liberdade.

Avante! Coragem!"

JEREMIAS DA ROCHA NOGUEIRA

"O pai da imprensa mossoroense", Jeremias da Rocha Nogueira nasceu em Mossoró, no dia 29 de março de 1844, filho de Floriano da Rocha Nogueira, poeta, e de Anna Rodrigues Braga, ou Ana Floriano, que ficou conhecida na historiografia local por ter liderado o movimento conhecido por "Motim das Mulheres", ocorrido em 1875.

Jeremias viveu intensamente sua breve vida, já que morreu aos 37 anos, em 29 de junho de 1881. Foi advogado provisionado pelo Tribunal de Apelação do Recife; secretariou e advogou a Câmara Municipal de Mossoró de 1862 a 1873; foi suplente de Vereador de 1877 a 1882 (não terminou o período); Juiz Municipal em 1858, primeiro suplente de Delegado de Polícia (1858) e sexto suplente de Juiz Municipal em 1864.

Em 17 de outubro de 1872, com o apoio de José Damiano de Souza Mello e Ricardo Vieira do Couto, faz circular o primeiro número do **O Mossoroense**, órgão do Par-

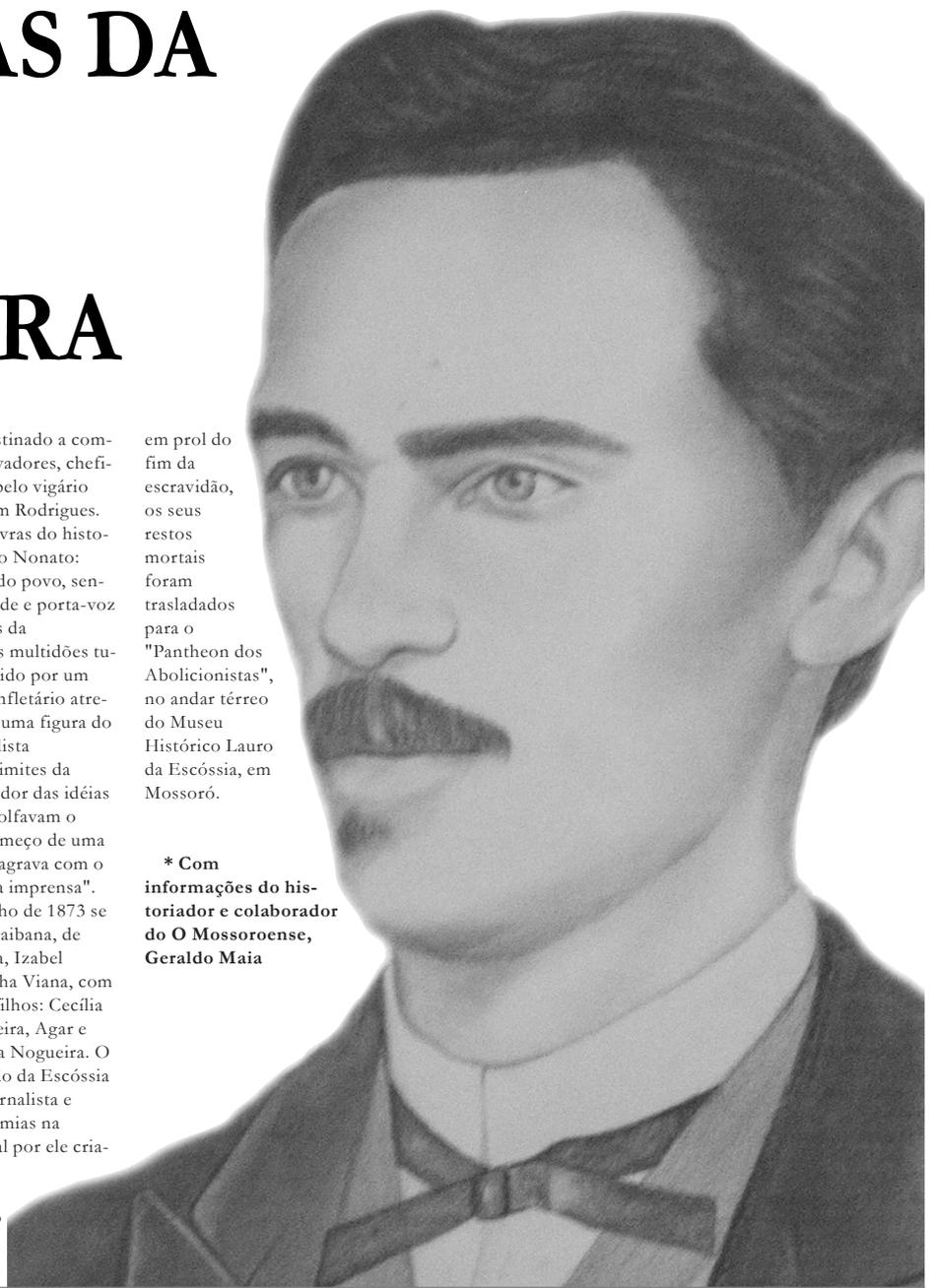
tido Liberal, destinado a combater os conservadores, chefiados na cidade pelo vigário Antônio Joaquim Rodrigues. Segundo as palavras do historiador Raimundo Nonato: "Era um jornal do povo, sentinela da liberdade e porta-voz das inquietações da coletividade, das multidões tumultuadas, dirigido por um idealista, um panfletário atrevido e violento, uma figura do admirável jornalista desfilando nos limites da província, portador das idéias liberais que engolfavam o século. Era o começo de uma era, que se consagrava com o aparecimento da imprensa".

Em 20 de junho de 1873 se casou com a paraibana, de Catolé do Rocha, Izabel Benigna da Cunha Viana, com quem teve três filhos: Cecília da Rocha Nogueira, Agar e João da Escóssia Nogueira. O último filho, João da Escóssia Nogueira, foi jornalista e sucessor de Jeremias na direção do jornal por ele criado.

Como reconhecimento ao seu trabalho

em prol do fim da escravidão, os seus restos mortais foram trasladados para o "Pantheon dos Abolicionistas", no andar térreo do Museu Histórico Lauro da Escóssia, em Mossoró.

*** Com informações do historiador e colaborador do O Mossoroense, Geraldo Maia**



O PRIMEIRO FECHAMENTO

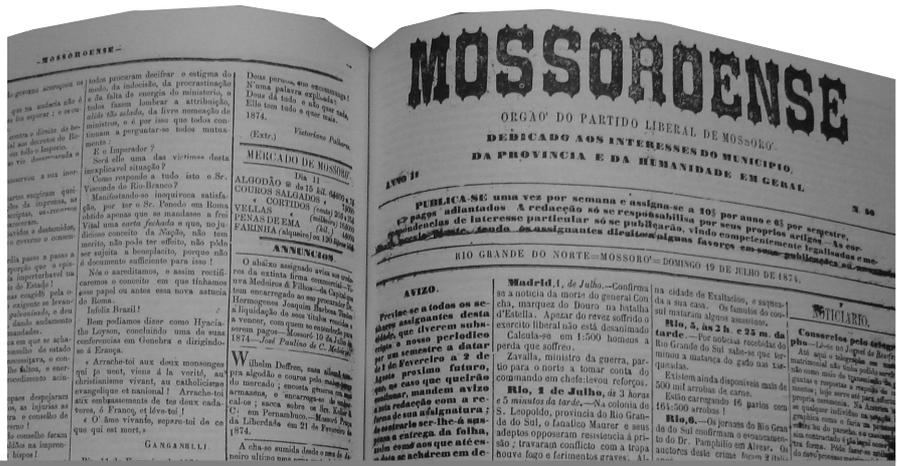
De acordo com Lauro da Escóssia, o jornal Mossoroense fechou possivelmente em março de 1876, tendo publicado cerca de 158 números. Suas edições eram dominicais.

O formato, ainda no relato de Lauro, era de 45cm x 31cm, diagramado em três colunas de 7cm cada, até o número 56, publicado em 8 de novembro de 1873. Na edição seguinte, o jornal surgia com o mesmo formato, mas diagramado em quatro colunas de 6cm cada.

O encerramento da primeira fase, ao que parece, se deu por problemas financeiros

que obrigaram Jeremias a vender o prelo principal ao coronel Antônio Soares Macedo, para impressão de o Brado Conservador, em Assú.

O restante dos equipamentos gráficos, com a morte de Jeremias, em 1881, foi enterado por José Damião no quintal de sua casa, na antiga Rua das Flores, hoje Bezerra Mendes, e resgatado cerca de 30 anos depois, em 1911 por Alfredo de Souza Mello, João da Escóssia (filho de Jeremias da Rocha), Jerônimo Rosado, Rufino Caldas e o menino Lauro da Escóssia, entre outras pessoas.



"PERIÓDICO HUMORÍSTICO E ILLUSTRADO"

A segunda fase do O Mossoroense tem início em 1901, quando o jornal ressurgiu como "Periódico humorístico e Illustrado", sob o comando do filho de Jeremias da Rocha, João da Escóssia, com o apoio dos redatores Antonio Gomes e Alfredo Mello.



SOBRE ESSE PERÍODO, CONTA O HISTORIADOR VINGT-UN ROSADO:

"Em 1901, o velho e glorioso órgão de nossa imprensa ressurgiu sob a capa d'O Eco, jornal humorístico, durante até 1902. Marca este último ano, o início da 2ª fase d'O Mossoroense, aos 12 de julho. São seus novos redatores o coronel Antônio Gomes de Arruda Barreto e Alfredo de Souza Melo, filho de José Damião. Gerência-o, com muita competência, o redator-xilógrafo João da Escóssia, que também é seu proprietário. Traz agora o intuito de prestar 'serviços às letras, às artes, às ciências, às indústrias e ao desenvolvimento de todos os ramos da atividade humana'. Nesta segunda fase era quinzenal, passando-se em 1905 a publicar-se três vezes ao mês. Imprimia-o a Aurora Escossesa, depois Atelier Escóssia. Mais tarde seria semanal e em sua última etapa, bissemanal, saindo às quartas e aos domingos. Depois do falecimento de João da Escóssia, O Mossoroense passou a ficar sob a direção dos jornalistas Augusto da Escóssia e Lauro da Escóssia, netos de Jeremias da Rocha Nogueira e filhos de João da Escóssia. A terceira geração, como a se-

gunda, soube manter o tradicional órgão na diretriz que lhe traçara a primeira, em 1872".

A reabertura de O Mossoroense traz a marca do segundo período da imprensa brasileira, que se iniciou em 1880 e se estendeu até 1910. O jornal passa a ganhar dimensão de empresa e a política partidária não é mais a mola propulsora do rumo a ser seguido. Não havia a agressividade dos primeiros anos. É o período em que os processos de composição e impressão passam a ser aprimorados, a caricatura surge na imprensa brasileira e cresce a consciência de que o objetivo do jornal é a notícia.

O próprio João da Escóssia esculpia as xilografuras para ilustrar o jornal fundado por seu pai, algumas delas copiadas ou inspiradas em ilustrações publicadas em revistas do Sul. Chama atenção dos especialistas no assunto, a fineza do traço nos trabalhos desse artista, inclusive os temas escolhidos: variavam desde caricaturas a charges satirizando acontecimentos políticos. João da Escóssia chegou a retratar

cenas de um crime ocorrido em Grossos e o incêndio da Bastilha, além de esculpir artes publicitárias.

A Questão de Grossos, disputa entre os Estados do Ceará e Rio Grande do Norte para estabelecer seus limites, foi o principal assunto abordado nesse período.

Com a morte de João da Escóssia, em 1919, o jornal perdeu muito de suas características culturais. Vale salientar que a partir da I Guerra Mundial, deflagrada em 1914, os jornais do País começaram a perder suas características literárias e a ser influenciados pelas novas relações estabelecidas entre a sociedade e a comunicação de massa, passando a ser mais noticiosos.

Raimundo Soares de Brito menciona Francisco Pinheiro de Almeida Castro como sucessor de João da Escóssia no comando do jornal, de 1917 a 1921, vindo em seguida, conforme Jaime Hipólito, Rafael Fernandes Gurjão, como diretor político e redator chefe de 1922 a 1930, e Augusto da Escóssia como gerente, de 1930 a 1934, quando do encerramento da segunda etapa.

JOÃO DA ESCÓSSIA

Nascido em 1873, era jornalista, xilógrafo, "herdeiro do espírito combatente de seu genitor - Jeremias da Rocha Nogueira". Faleceu em 14 de dezembro de 1919. Dirigiu o jornal O Mossoroense de 1902 até sua morte.

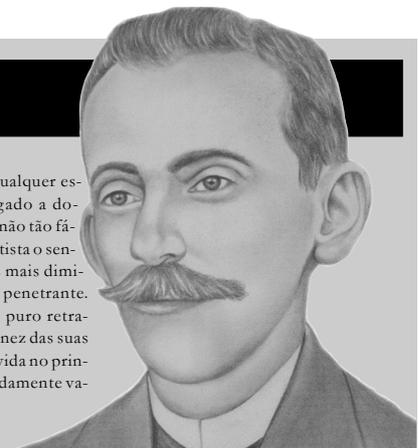
Na segunda conferência do I Ciclo de Conferências e Estudos Mossoroenses, em agosto de 1958, o jornalista e escritor Jaime Hipólito Dantas assim se expressou:

"De João da Escóssia, pode-se dizer, pri-

meiro que tudo, que se tratava de um artista de primeira ordem. Era um admirável xilógrafo, com uma capacidade simplesmente extraordinária para retratar, em madeira, com o auxílio de um mero canivete, figuras do seu tempo ou de outras épocas, como ainda objetos, fatos ou alegrias para a ilustração de notícias ou reportagens.

A arte do xilógrafo João da Escóssia estaria a merecer um estudo à parte por um entendido na matéria. Como se explicar que

um homem do interior, sem qualquer estudo especializado, haja chegado a dominar com tal perfeição a arte, não tão fácil, da xilografia? Possuía o artista o senso da observação dos detalhes mais diminutos. Parecia ser ágil, sutil e penetrante. Uma vocação, sem dúvida, de puro retratista, que a província, na pequenez das suas proporções, no incolor da sua vida no princípio do século, não pode devidamente valorizar".



VESPERTINO

Em 1918, **O Mossoroense** era "Órgão vespertino, independente e consagrado aos interesses das classes conservadoras". No dia 18 de junho de 1919, passava a anunciar-se como "Órgão do Partido Republicano Federal". Apesar do período de vibrante engajamento político, o jornal não trazia mais a violência dos embates da primeira fase.

Proprietário e gerente, Augusto da Escóssia não aceitou a censura imposta pelos que detinham o poder político e preferiu suspender a circulação do jornal, temporariamente, e apresentá-lo aos leitores com as idéias tolhidas. Com o manifesto "Ao povo de Mossoró", Augusto anunciou o fechamento:

"O Mossoroense, depois de circular continuamente por mais de trinta annos, vê-se forçado hoje a interromper sua publicação. É do domínio público que na quarta-feira passada, o sr. delegado de polícia, 1º tenente José T. da Rosa, procurou o nosso director, fazendo-lhe ver que, de ordem superior, antes de circular, teria o jornal de se submeter à censura. Consciente do dever de acatar as resoluções do governo ditatorial implantado em nossa Pátria, nada teríamos a objectar se a cen-

sura tivesse de ser feita pela autoridade pública, no uso de suas atribuições regulares. Mas, para O Mossoroense a censura se revestia de uma humilhação, pois que, estranhamente, o censor seria um cidadão que, além de adversário político, era desaffecto pessoal do director e mais redactores do jornal. Nestas condições, impulsio-nados por um sentimento de brio que, herdado dos nossos maiores, queremos transmitir integro aos nossos descendentes, resolvemos cerrar as portas do orgão, cuja vida tem sido um exemplo de trabalho e esforços em prol de todos os nobres cometimentos que se relacionam com o progresso e com o bem estar do município e do estado, e cuja orientação, como podem atestar todos os que nos leem, tem sido a mais prudente, sensata e elevada que seria licito desejar.

Esperamos que um dia os clarões dos raios sublimes da liberdade, do amor e da justiça illuminem a nossa trajetória, e que então, se concretissem em verdade inconcussa as palavras santas do Evangelho: "OS HUMILHADOS SERÃO EXALTADOS".

Mossoró, 17. 7. 1932.

AUGUSTO DA ESCÓSSIA

Augusto da Escóssia Nogueira, conhecido como Escossinha, nasceu em Mossoró no dia 14 de janeiro de 1900. Filho do jornalista João da Escóssia, exerceu cargos eletivos e de nomeação na cidade de Mossoró. Foi vice-presidente da Câmara de Intendentes no período 1937-1941, prefeito de 19 de fevereiro a 2 de agosto de 1946, suplente de Juiz Federal e Tesoureiro titular da prefeitura até a sua morte em 1951, aos 51 anos de idade.

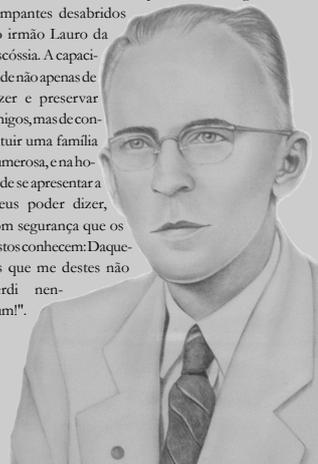
Além do pai jornalista, tinha um irmão, Lauro da Escóssia que também era jornalista e seu avô paterno, Jeremias da Rocha Nogueira, que foi o fundador do jornal **O Mossoroense**. Augusto da Escóssia dirigiu o jornal da família de 1930 a 1934, cujas oficinas supervisionava desde a morte do seu pai em 1919.

Como prefeito, realizou "uma administração progressista e útil a Mossoró. A ninguém perseguiu, nem permitiu que o dinheiro público fosse mal aplicado", nas palavras de Walter Wanderley, num depoimento extraído do livro "Legislativo e Executivo de Mossoró - numa viagem mais que centenária", do historiador Raimundo Soares de Brito.

Em outro depoimento extraído do mesmo livro de Raimundo Soares de Brito, o jornalista Dorian Jorge Freire, fala sobre o homem Augusto da Escóssia:

- "Em Escossinha, o meu pai teve um companheiro

sincero, intrinsecamente leal. Ainda o vejo no seu terreno de linho branco e immaculado. Os cabelos penteados para trás. O escudo da Ação Católica na lapela. O cigarro. O riso e o sorriso. O bom senso agudo, calmo, sábio a contrastar com a impetuosidade gangueira, os rompantes desabridos do irmão Lauro da Escóssia. A capacidade não apenas de fazer e preservar amigos, mas de constituir uma família numerosa, e na hora de se apresentar a Deus poder dizer, com segurança que os justos conhecem: Daquelles que me destes não perdi nenhum!".



"TRINCHEIRA DAS ASPIRAÇÕES"

Em 30 de setembro de 1933, ainda sob a direção de Augusto da Escóssia, **O Mossoroense** voltou a circular:

"Após mais de um ano de silêncio, imposto pela situação de compressão e despotismo que abastardou as nossas tradições de liberalismo, surge na arena jornalística O

MOSSOROENSE, o velho órgão que sempre se constituiu em trincheira das aspirações de nossa terra em tudo que respeitasse o seu progresso material e a sua cultura. De-

fendendo o programa a que se traçou em toda a sua já longa existência, este jornal, sem jamais baixar às ofensas pessoais e nem cultivar ódios estérteis, continuará a sua missão

nobilitante de propugnar pelos altos empreendimentos locais, e, há de ser o vanguardeiro digno e leal das boas causas e dos propósitos meritorios.

Confia a sua direção que o POVO MOSSOROENSE recebe-lo-á com a simpatia que tanto lhe servirá para estimular, e a que corresponderá com o Maximo esforço

para bem servi-lo".

A circulação se estendeu até fins de 1934. O último número constante do acervo do Museu Municipal é o 1.155, de 11 de novembro.

LAURO DA ESCÓSSIA

O jornal de Jeremias da Rocha reabriu suas portas em setembro de 1946, sob o comando de Lauro da Escóssia, ajudado, entre outras pessoas, por seus filhos Lauro Filho e Danilo Couto da Escóssia, ambos ainda crianças.

Lauro e Danilo começaram vendendo jornais. O amor à causa de Jeremias da Rocha os levou às oficinas e à redação.

O jornal já não trazia inscrito no frontispício o anúncio das cores partidárias que defendia e se mostrava mais noticioso. Seus redatores eram Jorge Freire, Vingt-un Rosado e José Augusto Rodrigues.

Por volta de 1953 foram compradas duas máquinas linotipo para compor textos. Um atraso considerável em relação aos grandes jornais do País, que já no início do século XX começaram a utilizar essas máquinas. Vitalino Rotellini, proprietário de Fanfulla,

trouxo em 1905 as primeiras linotipos para São Paulo. Porém, a década de 50 é que assinala o caráter industrial da imprensa.

Eis o registro do próprio **O Mossoroense**, edição do dia 7 de julho de 1953, n° 351:

"Está em fase de experiência a linotipo adquirida pelo Mossoroense.

Representa esse presente regio para a cidade de Mossoró, a primeira dentre as muitas cidades interioranas do norte do país a possuir gráfico mecanizado, mais uma conquista do esforço da família Escóssia, que mais uma vez se apresenta como pioneira nos árduos misteres da imprensa mantendo através de quatro gerações de Jeremias da Rocha aos bisnetos, a mesma chama de expansão e progresso reclamados por Mossoró."

O Mossoroense deu outro mergulho em 1963, como le-

va a crer a numeração dos exemplares existentes no Museu. O último número desta fase é o 3.393, de domingo, 7 de julho de 1963.

Lauro da Escóssia reabriu o jornal em 1970 e o comandou até a venda, em 1975, quando o controle acionário passou a ser do médico Jerônimo Rosado Cantídio, ligado ao grupo do deputado federal Jerônimo Vingt Rosado Maia, adversário político dos Lauros (pai e filho), abrindo a 4ª fase. O jornal manteve a linha noticiosa, mas ampliou a militância político e o espaço para opinião.

Em 6 de maio de 1984, o jornal **O Estado de S. Paulo** lamenta mais um fechamento de **O Mossoroense**, aos 112 anos, e estranha o fato das "forças vivas da cidade e do próprio Estado potiguar" não haverem se manifestado para assegurar a continuidade da circulação do velho órgão de imprensa.



Lauro da Escóssia nasceu em Mossoró no dia 14 de março de 1905. Professor, jornalista e escritor. Considerado decano da imprensa mossoroense. Seu amor ao jornalismo e ao **O Mossoroense**, o levava algumas vezes a fazer o próprio jornal, sendo repórter, redator, gráfico, além de diretor. Dedicou sua vida ao jornalismo. Faleceu em 19 de julho de 1988.

Sobre Lauro e a sua ligação umbilical com **O Mossoroense**, disse Raimundo Nonato:

"Ainda hoje, Lauro da Escóssia continua dentro da oficina com o mesmo entusiasmo dos seus dias jovens, trabalhando, dirigindo, fazendo tudo.

E quando o tempo lhe sobra, o que é muito raro, toma uns goles de café requentado, fuma um cigarro-mata-rato e dá uns curtos cochilos arriado por cima dos fardos de papel.

Imensa e gloriosa compensação para um homem idealista que tem naquelas velhas máquinas de fazer o jornal, um tesouro bem muito maior do que aquele que enchia de vaidade o poderoso e sábio Rei Salomão!"

"A MELHOR ESCOLA DE CIDADANIA DE MOSSORÓ"

O jornalista Dorian Jorge Freire começou a escrever no O Mossoroense na década de 40 e foi seu diretor em 1975, quando o jornal passou para a família Rosado, se mantendo no cargo até mais um fechamento em 1984. No início dos anos 1990, Dorian deu o seguinte depoimento:

"Eu aprendi a ler sozetrando o jornal O Povo de Fortaleza, noticiário da Segunda Guerra Mundial. Mas aprendi a amar a liberdade foi no O Mossoroense, vendo a prática democrática de Lauro da Escóssia. Era menino quando ingressei no jornal, a convite de seu dono, Lauro da Escóssia em 1947 ou 1948. Meu primeiro artigo chorava a morte de Monteiro Lobato e era intitulado "Zé Brasil". Há 44, 45 anos. De lá para cá, nunca deixei jornal e nunca estive longe de O Mossoroense, ao lado de Jorge Freire, Rafael Negreiros, Jaime Hipólito, Vingt-un Rosado, José Augusto Rodrigues, Lauro Escóssia Filho.

Escrevíamos com inteira liberdade. Até contra as opiniões dos dois Lauros (donos) e os interesses do jornal. Censura não havia. Imoralidade só havia na boca suja de Zé Abel. Eu também entregava papel para Albecy fazer engoli-lo a velha Marinoni. O resto do dia passava no jornal vendo a sua faina,

testemunhando o seu alegre heroísmo.

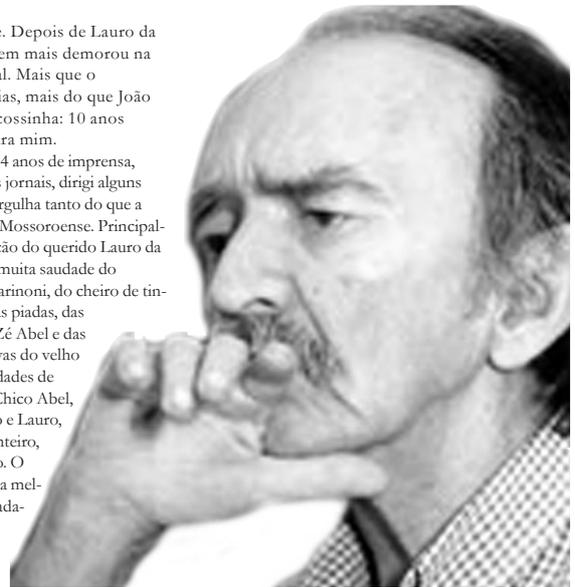
Lauros, os dois, faziam de tudo: artigos, crônicas, armação de página, titulação e eram artistas em tipografia. Eles e Surica, Tinteiro e Quincão. Sem falar em Chico Abel, Zé Abel, Vicente, Dois e Postal. Assim foi até eu partir para São Paulo de onde continuei escrevendo para o jornal.

Regressando definitivamente a Mossoró, fui convidado pelos Lauros para assumir a direção do jornal, o que fiz incontinenti. Assisti à venda da maioria acionária da empresa dos Escóssia para o grupo político de Vingt Rosado. Continuei diretor. Assegurando a todos as mesmas liberdades concedidas no passado por Lauro.

Eu que assisti os Lauros trazerem para Mossoró a primeira Linotipo, trouxe para o velho jornal a primeira off set e o primeiro fotolito. Além de ter sido na minha administração que o jornal teve sede própria na nova rua

com o seu nome. Depois de Lauro da Escóssia, fui quem mais demorou na direção do jornal. Mais que o fundador Jeremias, mais do que João da Escóssia, Escossinha: 10 anos inesquecíveis para mim.

Nestes meus 44 anos de imprensa, passei por muitos jornais, dirigi alguns deles. Nada me orgulha tanto do que a temporada no O Mossoroense. Principalmente sob a direção do querido Lauro da Escóssia. Tenho muita saudade do matraquear da Marinoni, do cheiro de tinta de Dois, de suas piadas, das imoralidades de Zé Abel e das reações permissivas do velho Gato. Tenho saudades de Surica, Vicente, Chico Abel, Fernando, Danilo e Lauro, Lucinha e Tó, Tinteiro, Albecy e Quincão. O Mossoroense foi a melhor escola de cidadania de Mossoró desde 1872".



A REABERTURA

Sendo atualmente um dos quatro mais antigos jornais do País e o mais antigo do Rio Grande do Norte, em circulação, **O Mossoroense** encontra-se em sua 5ª fase, sob o comando do médico Laíre Rosado Filho, que recebeu as ações do primo Rosado Cantídio, em 1985, e fez com que o jornal voltasse a ser publicado logo após a enchente daquele ano, desta vez dirigido por Eder Andrade de Medeiros, que permaneceu na função até 1987.

Foi nesse período que o jornal comprou, em Recife, o primeiro terminal de vídeo denominado Forma Composer, substituído das máquinas eletrônicas ET-125 que, por sua vez, haviam substituído as linotipos, nos quais os digitadores compunham as matérias datilográfadas na redação.

Depois de Eder veio Emery Costa, 1987 a 1989, em cujo período administrativo foi implantado o segundo terminal Forma Composer. A década de 80 é o ponto culminante da informatização dos jornais brasileiros. Os grandes, desde a década anterior, já experimentavam a manipulação de textos por meio dos terminais de vídeo.

Após Emery Costa, sucederam-se os seguintes diretores: José Walter da Fonseca (1989), Cid Augusto (1989 a 1991), Pedro Almeida Duarte (1991) e Valney Moreira da Costa (1992).

Na administração de Larissa Rosado, de 1992 a 1998, foi comprada uma segunda impressora off set, modelo ATF Chief 25. O jornal ganhou grande impulso em sua informatização, com a compra de computadores PCs e impressoras a laser. A partir de 1995, a diagramação e a redação também foram informatizadas.

O primeiro microcomputador empregado na redação do jornal foi um XT. De início, houve reação dos redatores, que preferiam as velhas máquinas de escrever.

O marco mais importante desse período foi a democratização da linha editorial. Sem perder suas características políticas, **O Mossoroense**, graças ao esforço que en-

personas de outras correntes de pensamento.

Com a saída de Larissa, o jornal passou a ser administrado pelo professor José Crisóstomo de Lima, tendo Alvanilson Medeiros Carlos na gerência. Nessa gestão, vieram novos avanços no campo da informática, com a instalação de microcomputadores avançados em todos os setores do jornal.

Na década de 90 começaram as transformações que a grande imprensa já sofria desde 1985, com a prática de um jornalismo mais técnico.

O dia 7 de dezembro de 1997 marca a última mudança no formato do jornal. **O Mossoroense**, de standard, voltou ao formato de 32cm x 47cm adotado em décadas passadas. O projeto foi feito pelo diagramador Paulo César Rodrigues.

Alvanilson Carlos assumiu a direção administrativa do jornal no final de 98, e logo depois, em 24 de agosto de 1999, **O Mossoroense** deu um importante passo na sua trajetória, que foi a inauguração de sua página na Internet, possibilitando a leitura diária de suas notícias em várias partes do mundo.

Em outubro de 2006, o publicitário Lahyre Neto assumiu a direção-geral da Rede Resistência de Comunicação, jornal **O Mossoroense** e FM 93, e continua o seu processo de modernização e ampliação da pasta de anunciantes.

Por **O Mossoroense** passaram grandes nomes da intelectualidade e do jornalismo do Estado. Hoje, ele é um jornal com administração, redação e diagramação completamente informatizadas. Apesar da idade, é jovem nas idéias e tem fôlego para lutar por mais algumas centenas de anos pelos "interesses do município, da província e da humanidade em geral".



volveu desde os proprietários aos servidores mais humildes, ampliou os seus horizontes, abrindo espaços cada vez maiores para

RELACIONAMENTO

Dona Hilda completa 22 anos de assinatura estruturada na confiança e fidelidade

Sem manter o hábito de escutar rádio, surgiu a opção de uma leitura diária de jornal

O primeiro exemplar do **O Mossoroense** chegou às mãos de dona Hilda de Medeiros Leite em 1986. Como a máxima "A vida é fato local", ela que é a assinante mais antiga do periódico, nutre uma relação que vai além da amizade e confiança. Segundo ela, tudo começou a partir de seu filho caçula David Leite, que atualmente se encontra na cidade de Salamanca, na Espanha, onde está fazendo doutorado na área de Direito e sempre quando vem a Mossoró lê todos os jornais que aparecerem em sua frente. "Ele gosta muito de jornal. Uma vez ele estava aqui e chegou uma pessoa com um carro-de-mão cheio de jornais e eu assustada perguntei: 'Menino, pra quem é esse monte de jornal?' e ele disse que tinha sido David que havia mandado ele trazer todos para ler".

Dona Hilda faz o tipo "mãezona", aquela que acolhe, faz de tudo pela sua prole e tem orgulho do que hoje eles se tornaram, principalmente, depois das dificuldades encon-

tradas para dar uma boa educação a todos. Casada com Aldemar Duarte Leite, militar reformado e pequeno agricultor, falecido em 1980, ela foi professora na zona rural (Barrinha dos Duarte) em sua juventude e, depois de casada, como era comum em sua época, deixou de trabalhar para cuidar da casa e dos filhos.

"Creio que o grande mérito foi o de ter educado a numerosa prole. Vida simples é verdade, mas carregada de exemplos de honestidade e respeito aos valores básicos, hoje em dia tão vulneráveis", afirma David.

O filho caçula revela que a mãe sempre gostou de acompanhar os acontecimentos da cidade e provavelmente, por não possuir o hábito de escutar rádio, veículo da grande massa, optou pela leitura diária de um jornal local.

Ainda segundo David, existe um aspecto em relação à dona Hilda que pode ter sido crucial para sua afinidade com

o jornalismo. "Ela sempre diz que se tivesse continuado seus estudos, gostaria de ter sido jornalista. Pode ser esta a raiz de sua preferência ou hábito da leitura diária de, pelo menos, um jornal", explica.

Dona Hilda também mantém uma grande paixão. Ainda hoje ela guarda em sua própria casa muitos objetos que caracterizaram a atuação dos "aluízistas" desde a histórica campanha eleitoral de 1960, ao que chama com muito orgulho de "Acervo Bacurau".

Ao pegar um exemplar do **O Mossoroense**, Dona Hilda diz categoricamente e com sinceridade: "Vou logo ler a coluna de Emery (Emery Costa) e a parte de política. No resto eu apenas corro a vista". De acordo com David, não é de se admirar que sua mãe goste tanto de política, a ter como exemplo o "Acervo" que ela mantém com tanto esmero e carinho, mas, diferentemente dela, em sua opinião, a editoria preferida é o caderno de cultura Univer-



Um sonho não revelado: ser jornalista

so. "A minha preferência hoje é pelo caderno de cultura Universo. E mais precisamente pela página de poesia, pois considero um excelente espaço oportuno para o jovem poeta divulgar seu trabalho", ressalta.

Para dona Hilda o jornalho-

je está bem melhor que antigamente. "Meu filho fez essa assinatura e eu nunca pensei em cancelá-la. Gosto muito do **O Mossoroense** e acredito que hoje ele esteja bem melhor que antes, com matérias mais completas e verdadeiras", avalia. Assim como a mãe, David

também faz sua análise e ratifica a mesma ideia: "Mesmo com a opção da chamada leitura virtual, quando posso, ainda prefiro a leitura convencional. Em relação ao **O Mossoroense**, destaco sua longevidade, que é algo admirável".

PROFISSÃO

Gazeteiros dão exemplo de dedicação à atividade de vender jornais

"ExtralExtra!". Antigamente os jornais eram vendidos aos gritos das manchetes principais pelos conhecidos gazeteiros, aquelas pessoas que fixam determinado lugar para oferecer e vender jornal, seja na rua ou em bancas. Atualmente, não se escuta mais a menção ao extraordinário, mas, apesar de menos expostos, esses trabalhadores ainda vendem bem e mostram dedicação e verdadeira paixão ao ofício.

Francisco das Chagas, o Chaguinha, 30, já está com 15 anos no ramo e por ele, nunca abandonaria o trabalho. Seu "ponto" - o local fixado por cada um deles, fica localizado no cruzamento da avenida João da Escóssia com a Avenida Diocesana e foi adquirido a grande custo. "Antes de mim havia uma pessoa naquele lugar, mas quando ele ofereceu para vender, eu comprei por R\$ 400,00, isso em 2000, o que significava muito dinheiro. Já teve gente que me ofereceu 2 mil reais pelo lugar e não vendo de jeito nenhum", diz.

Mas o esforço valeu a pena. Logo no início, Chaguinha chegou a fazer quatro salários mínimos por mês. Hoje, apesar de uma baixa nas vendas, ele ainda faz até dois mínimos, dinheiro

que já lhe rendeu a casa própria.

Hoje, ele pega até 100 jornais por dia para vender, mas antigamente era bem mais. "Não dá para pegar muitos, pois a venda está mais fraca. Com a internet, as vendas caíram pela metade", constata. O que ainda o mantém como recordista de vendas de jornais de rua é a clientela fixa. "Tenho cliente no conjunto Vingit Rosado que vêm todos os dias aqui pegar seu exemplar", afirma.

O gazeteiro analisa que atualmente o jornal **O Mossoroense** ganhou mais visibilidade e está saindo bem mais que antes. "O fluxo de vendas aumentou em até 80% principalmente depois que o periódico adotou o colorido em suas páginas".

Para Chaguinha, ser jornalista não é fácil. O dia para ele começa bem cedo. Às 4h, vai até a distribuidora pegar seus jornais, de onde ganha 30% por cada venda. Além de todas as dificuldades, ainda tem clientes que não cooperam e só prejudicam o trabalho. "Sempre acontece dos clientes pedirem o jornal para ver e aproveitarem que sinalabre para ir embora sem pagar", conta.

Ainda conforme o gazeteiro, para se manter no trabalho é preciso ter obstinação e, principal-

mente, não ter vergonha. "Aos olhos das pessoas nossa profissão é desprezível. Tem gente que fecha o vidro do carro quando nos aproximamos para oferecer jornal pensando que somos algum bandido, mas a maioria dos jornalheiros tem segundo grau e trabalha ali de forma honesta e porque precisa", destaca.

Outro problema enfrentado por esses trabalhadores é a insegurança. Chaguinha conta que quase foi assaltado quando fazia uma entrega de jornal na casa de um cliente numa madrugada. "Eu estava de moto e quando parei na casa para deixar o exemplar, dois rapazes se aproximaram de mim e pediram meu dinheiro. Eu disse que era evangélico e estava só trabalhando. Eles então foram embora e me deixaram em paz".

Apesar de tudo, Francisco das Chagas não quer abandonar o ofício adquirido com tanto esforço. "Como surgiu uma boa oportunidade de emprego para mim, deixei meu irmão lá no ponto. Ele já está há quatro meses no meu lugar. Infelizmente, está sofrendo o mesmo preconceito que senti, mas espero que ele supere, assim como eu e mantenha-se no trabalho", ressalta.

Assim como o recordista de



Francisco das Chagas, um recordista de vendas



Zé Maria, 40 anos de trabalho e clientela fixa

vendas Chaguinha, Zé Maria, 69, também é considerado um campeão. Há 40 anos está com sua banca de jornais e revistas sempre no mesmo lugar - na calçada em frente ao restaurante "O Oitão", no centro da cidade. Devido ao lugar tradicional e por abrir todos os dias às 5h, ele é o

gazeteiro de banca que mais vende jornal na cidade, chegando a 60 exemplares por dia regularmente.

Para ele, o segredo para vender jornal é a manchete. "O povo gosta muito de ver crime e política. Cheguei a vender 370 exemplares só na segunda-feira

depois das eleições", afirma.

Zé Maria conta que começou no ramo aos 6 anos de idade, quando vendia pelas ruas o jornal **O Mossoroense**. Segundo ele, o periódico hoje vem muito melhor que antes e pessoas costumam elogiar tanto o visual quanto o seu conteúdo.

"O jornal **O Mossoroense** é um marco para a história do jornalismo potiguar. Parabéns este periódico pelo seu aniversário e espero que complete mais 200, 300 anos. Espero que ele continue abrindo portas para os jornalistas diplomados, valorizando os profissionais e, principalmente, o jornalismo praticado no Estado, pois tanto nós como os leitores só temos a ganhar com a atuação e contribuição deste jornal".

**NELLY CARLOS,
PRESIDENTE DO
SINDICATO DOS
JORNALISTAS DO RN -**

"Eu iniciei mesmo no ano de 1970 aqui no **O Mossoroense**. Já atuei na reportagem, direção e desde 1988 escrevo uma coluna diária. Antigamente, o jornal era feito de forma muito diferente de hoje. Eu diria até que era meio artesanal. Ou, artesanal e meio. Hoje, eu vejo o nosso jornal, apesar da sua longevidade, acompanhando sempre a evolução dos tempos. Estamos com 136 anos, mas parece de estamos apenas começando. Trata-se de um jornal atestado com o seu tempo. Eu diria que o nosso **O Mossoroense** é o velho que se renova diariamente. **O Mossoroense** é antes de tudo uma verdadeira lenda, uma autêntica escola. Grandes profissionais que hoje atuam aqui e alhures saíram aqui de nossas páginas para se projetar noutros cenários. Um ícone é Dorian Jorge Freire que começou a escrever aqui mesmo, usando um pseudônimo. Mas, por aqui já passaram outros ícones que se projetaram no tempo e/ou estão hoje atuando em outras linhas diferentes realçando sempre o nome da imprensa mossoroense. Eu não alimento dúvida alguma de que **O Mossoroense** vai não só continuar a fazer parte da nossa história, mas também, continuar fazendo a história da imprensa potiguar contemporânea".

**EMERY COSTA,
JORNALISTA**

"Comecei a escrever no jornal quando tinha 17 anos. Meu pai havia comprado todas as partes e após falecer, o periódico ficou de minha responsabilidade. Na minha gestão, ele passou a ser diário e aumentou de 4 para 6 páginas, mas em 1974, por motivos políticos, tive que ir embora. Fazer o jornal hoje é uma beleza tendo em vista as dificuldades de outrora e o **O Mossoroense** ainda continua bom, apesar de encontrarmos muitos erros de português. Ainda hoje, não entendo porque as pessoas não aprendem o uso da crase. Esse é um dos motivos pelos quais deixei de ler **O Mossoroense**. Não sei como deixam Cid Augusto no comando do jornal. Ele é um bom poeta e escritor, mas não jornalista. Eu costumo dizer que sou jornalista por tradição, pois foi meu bisavô quem fundou o jornal. Mesmo sendo um dos mais importantes jornais do Estado, ele não possui a alma e espírito que tinha antes na minha época. Antes todos tinham vontade de lutar, o que não se percebe mais atualmente".

**LAURO DA ESCÓSSIA
FILHO, EX-DIRETOR**

TRADIÇÃO

ESCOLA DE JORNALISMO

Gerações de profissionais da imprensa foram formadas dentro da redação do **O Mossoroense**

Uma grande escola. Esta é a definição de todos os que estão no **O Mossoroense** há muito tempo. Gente que trabalha há mais de 15, 20 e até 30 anos no mesmo jornal e fez sua vida por aqui. Profissionais gabaritados, disputados pela concorrência, mas que preferem o centenário velho de guerra pela liberdade existente, pela camaradagem entre os funcionários, sejam diretores ou subalternos e pelo eterno aprendizado.

Gente como Francisco Guerra, 51, que começou a trabalhar no início dos anos 70 como aprendiz de linotipo e hoje é o chefe da oficina. "**O Mossoroense** sempre foi tudo para mim. Aprendi tudo aqui, cheguei criança, casei, criei meus fil-

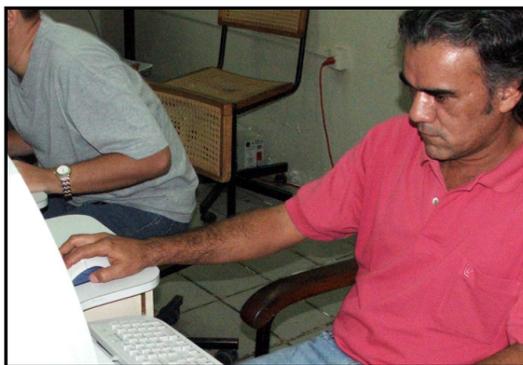
hos. Uma vida atribulada, sem horários, mas com liberdade. Teve momentos em que saí e fui trabalhar em outros jornais, mas sempre fui recebido de volta com carinho e respeito. Hoje, não saio mais. **O Mossoroense** é minha casa, uma grande escola profissional e de cidadania, onde a gente sempre teve voz. Por aqui passaram muitos profissionais, muita gente que aprendeu a trabalhar dentro dessas paredes. E continua a chegar gente nova, aprendendo e ensinando, porque aqui eu não paro de aprender nunca, todo dia é um aprendizado, todos os dias a gente contribui para o desenvolvimento da imprensa local e, porque não dizer, mundial".



Guerrinha começou a trabalhar no **O Mossoroense** nos anos 1970

LIBERDADE DE CRIAÇÃO

Diagramação moderna, muitas vezes ousada, e capas temáticas são destaque no jornal



Paulo César gosta de trabalhar capas temáticas

O sentimento de Guerrinha, como é mais conhecido, não difere muito do chefe da diagramação, Paulo César Rodrigues, 39, que trabalha no jornal desde 1987. "O jornal é minha vida, eu entrei aqui antes dos 18 anos de idade e é aqui que quero me aposentar. Já me ofereceram mais dinheiro, mas daqui eu não saio, não troco o que tenho aqui por nada".

Indagado sobre o que ele tem no **O Mossoroense** e que não teria em outro lugar, PC, como é chamado pelos amigos, dispara: "Liberdade

de criação". E justifica afirmando que aqui todos podem ousar, propor novidades.

Conhecido pelas capas temáticas e diferenciadas que faz, Paulo César concorda com a afirmação de que **O Mossoroense** é a maior escola do jornalismo local. "Todo mundo saiu daqui, repórteres, diagramadores, revisores... No jornal, quem sabe ensina ao outro. Eu não tenho medo de passar o que sei. É por isso que o jornal está numa situação boa. Aqui, nós temos liberdade e amigos", conclui.





A dor retratada de forma sensível



Luciano também mostra sensibilidade em outras áreas

Fotografia

"TÁ LÁ O CORPO ESTENDIDO NO CHÃO..."

O repórter-fotográfico Luciano Lellys sensibiliza ao enfocar temas difíceis



Luciano Lellys, a "cara" do O Mossoroense

Os versos da música "De frente pro crime", de João Bosco, bem que podem servir para descrever um pouco da natureza do trabalho do repórter-fotográfico Luciano Lellys, 42.

No **O Mossoroense** desde 1988, Lellys começou sua vida profissional acompanhando os repórteres policiais Edmilson Lucena e Paulo Wagner, à época na rádio Difusora. O primeiro assalto a banco em Mossoró e umas fotos do famoso "Falcone" serviram de passaporte para o jornal.

De lá para cá, muitas ocorrências, muito trabalho e muito sucesso. Reconhecido como um dos melhores

do Estado em sua profissão, Luciano já teve fotos publicadas na capa do jornal Folha de S. Paulo e

em inúmeras capas do **O**

Mossoroense. Elogiado pela sua sensibilidade em retratar um tema tão difícil sem ser chulo, ele é outro que não troca o jornal por nenhum outro. "**O Mossoroense** é metade da minha vida, da minha história. O jornal tem um lugar de destaque na imprensa e compete em pé de igualdade com qualquer impresso do país. Sem contar, que quando se fala em Mossoró, se fala no **O Mossoroense**. É uma referência de credibilidade", afirma.

"Eu entrei no jornal **O Mossoroense** durante sua 5ª fase, em 1985, como diretor e fiquei até 1987 nesta função. Durante este período fizemos grandes mudanças no jornal como a aquisição da máquina Comoser que substituiu as máquinas eletrônicas, o que permitia um jornal de melhor qualidade. Hoje, percebo que o jornal conserva aquela mesma raiz que ajudei a plantar quando trabalhei aqui, e que os profissionais trabalham com muita responsabilidade. Tenho este jornal com muita estima e consideração. Durante a época que fiquei, praticamente respirava o jornal. Tudo que eu fazia era voltado para ele, dentro do amor, seja de dia ou madrugada, como costumávamos ficar para fazer o jornal estar nas mãos dos leitores no outro dia. O jornal cresceu assustadoramente. Ele realmente está de parabéns".

ÉDER MEDEIROS,
EX-DIRETOR

"Minha primeira atividade no jornal foi como gazeteiro, em 1972. Depois fui dobrador, compositor de manchetes, chapista e revisor. Uma vez, quando eu estava trazendo a manchete para colar, tinha uma matéria sobre um torneio de tênis, só que estava trocado o 'l' pelo 'p'. Ainda bem que antes mesmo de chegar para colar, eu vi e fui consertar o erro. Outra vez, ia ter a inauguração da empresa de ônibus 'Expresso de Luxo', só que a manchete saiu como 'Expresso de Lixo', mas a culpa foi da revisão que não viu. O diretor Dorian (Dorian Jorge Freire) era muito exigente. Ele ensinava na universidade e quando chegava depois das 10h da noite no jornal, se visse alguma coisa que não estava bom ele rasgava a página e tinha que refazer tudo. Hoje, fazer o jornal é bem mais fácil e rápido, antes a gente entrava madrugada a dentro para poder deixar tudo pronto".

COSME DA ROCHA FERREIRA,
"VOVÓ", FUNCIONÁRIO
HÁ 36 ANOS

"**O Mossoroense** nesses 136 anos já contribuiu bastante com a História não só de Mossoró como também de todo o Estado. Por ele passaram diversos profissionais qualificados, muitos dos quais começaram carreira aqui. O jornal é uma espécie de escola para todos os que fizeram e ainda fazem o **O Mossoroense**. Parabenizo todos os profissionais e demais funcionários pela seriedade com que eles tratam a notícia e levando-a de forma verdadeira ao leitor".

LARISSA ROSADO,
EX-DIRETORA

"O jornal **O Mossoroense** continua sendo referência para todo o Rio Grande do Norte, servindo também de análise para os estudantes que frequentam a academia. Como professor e também como leitor - sou leitor assíduo, gosto de levar o jornal às salas de aula pela sua antiguidade, clareza e, até certo ponto, pela sua imparcialidade".

JEFFERSON GARRIDO,
PROFESSOR DO CURSO DE
COMUNICAÇÃO SOCIAL DA
UERN

"**O Mossoroense** é um jornal marcado pelo pioneirismo e defesa das melhores causas do Rio Grande do Norte, tendo sempre se identificado com sua terra. É um patrimônio do RN, um celeiro de talentos, por onde já passaram grandes nomes da imprensa potiguar.

Faço votos que **O Mossoroense** continue com seu processo de modernização e sua identificação com os interesses do Rio Grande do Norte".

RUBENS LEMOS FILHO,
SECRETÁRIO ESTADUAL DA
COMUNICAÇÃO SOCIAL

"O ESPELHO"

Para o revisor Benjamim Linhares, **O Mossoroense** é espelho para a concorrência

Benjamim Linhares é outro profissional com muitos anos de casa. No **O Mossoroense** há mais de quinze anos, comanda a revisão do jornal. Sem ter experiência anterior na área, mas com um bom domínio da língua portuguesa, Linhares largou o emprego que tinha no comércio e foi se dedicar ao que gostava no local que sempre admirou. "Eu tenho compulsão por leitura, então não adiantava ficar trabalhando com vendas, como sempre admirei o trabalho do **O Mossoroense** e pesquisei sobre sua história, foi aqui que

comecei uma nova vida".

Deixando muito claro que procura sempre fazer o correto, mesmo que às vezes alguns errinhos escapem, Linhares destaca a importância de se dar espaço aos estudantes, ainda que os textos sejam mais difíceis e dêem mais trabalho para revisar. "Por aqui, passaram os maiores nomes da imprensa local. A maioria aprendeu aqui e hoje outros continuam aprendendo".

Com sua peculiar perspicácia, Linhares desabafa: "**O Mossoroense** é o pai da imprensa local, muitos não assumem, mas se espelham no



Linhares trocou o emprego no comércio pelas letras



JORNALISMO ON-LINE, O PRÓXIMO DESAFIO

Numa de suas definições no dicionário Aurélio, "velho" pode significar desusado, antiquado, obsoleto. Significado que, com certeza, não se aplica ao "velho" **O Mossoroense**, um jornal que por mais centenário que seja não envelheceu em conceitos com o passar dos anos. Ao contrário, a cada dia, busca estar em sintonia com os tempos e modernizar suas instalações, equipamentos e linguagem.

Com uma tiragem que chega aos 4,5 mil exemplares nos finais de semana, **O Mossoroense** foi o primeiro veículo impresso do interior do Estado a ter página na internet e manter o maior acervo on-line de edições anteriores atualizado.

Mas, o pioneirismo do jornal não pára nos exemplos do passado. Após 136 anos de História e de fazer parte do dia-a-dia dos

mossoroenses, muitos desafios ainda serão vencidos.

Para o diretor-presidente da Rede Resistência de Comunicação, Laíre Rosado Filho, **O Mossoroense** é um jornal com conceito positivo em toda a cidade e no Rio Grande do Norte pela isenção com que analisa os fatos e pela independência de seus jornalistas e colaboradores.

Com uma redação jovem e atuante, onde mais de 40 profissionais entre repórteres, fotógrafos, diagramadores, revisores e colaboradores se revezam em busca da melhor notícia e da informação com credibilidade, o atual desafio é manter o jornal atualizado e competitivo num mundo cada vez mais global com o advento da internet.

"Precisamos acompanhar as transformações do mundo globalizado. Para isso, é necessário ter um jornal atrativo, com um tratamen-

to especial às notícias, ora mais curtas em função do pouco tempo nesse mundo moderno, ora mais analíticas, fazendo um contraponto às notícias publicadas no mundo virtual", afirma Laíre Rosado.

E o próximo desafio já está definido. Segundo Laíre, em muito pouco tempo **O Mossoroense** vai estar com sua página on-line na internet. É o "jornalismo on-line" ou jornalismo em tempo real. Onde o webileitor poderá acompanhar os fatos assim que eles aconteçam.

O diretor-presidente da Rede Resistência também destaca que o jornal tem uma apresentação gráfica das mais modernas, podendo se comparar, nessa área, aos melhores do país. E enfatiza, "para o leitor mais atento, é fácil verificar que **O Mossoroense** continua fazendo escola no jornalismo do Rio Grande do Norte".



Laíre Rosado anuncia o novo desafio do **O Mossoroense**

INTERNET

Versão eletrônica é pioneira e bate recordes de acesso

Em 24 de agosto de 1999, o jornal **O Mossoroense** deu um importante passo na sua trajetória histórica, dessa vez relacionado com o visual. Ele foi o primeiro periódico da cidade a inaugurar sua página na internet, possibilitando a leitura diária de suas notícias em várias partes do mundo.

O site do jornal com domínio em www.omossoroense.com.br a cada mês vem conseguindo recorde de acessos. De acordo com o relatório da Google Analytics, foram contabilizadas 189.850 visitas únicas, ou seja, mais de seis mil pessoas por dia. Os visitantes são provenientes de

439 cidades de 46 países e territórios diferentes, todos juntos somaram 497.279 visualizações de páginas, ou seja, mais de 16.500 exibições num único dia.

Em relação ao número de pessoas que acessaram o site de países diferenciados no último mês está o Brasil (187.639), seguido dos Estados Unidos (516), Espanha (272), Itália (176) e Portugal (150).

Entre as editorias mais acessadas, Polícia sai na frente com 38.339 entradas, contra 32.778 de Política e 19.238 do Cotidiano. Ademais, foi contabilizado um total de 19,39% de novas visitas ao site do jornal.

O jornal ainda acumula dentre os outros o título de ser o único a possuir o maior acervo eletrônico de edições anteriores atualizado. O internauta pode encontrar no link específico edições dos jornais desde 2001.

O Mossoroense é ainda um dos três únicos jornais da região Nordeste a figurar no Portal UOL (do Universo On-Line), considerando o portal com maior conteúdo em português, uma parceria que já dura nove anos. A versão eletrônica é a atualizada diariamente logo após o término dos trabalhos na redação.

UNIDADE

Jornal e publicidade: uma parceria que dá certo

Dizem os especialistas da área que o jornalismo e a publicidade andam juntos e são praticamente como irmãos siameses. Os anúncios em jornais são importantes para ratificar esta relação, além de contribuir para o crescimento de ambos, projetando excelentes resultados.

O Mossoroense conta hoje com espaços para publicidade que se enquadram no perfil de pequenos, médios e grandes anunciantes. Hoje, os principais clientes do jornal são

a Povel, Canale Mitsubishi, comandados pelo Grupo Porcino; a Rede Queiroz, o Reboças Supermercados, o Sebrae, a Universidade Potiguar (UnP), entre outros.

São diversos os fatores que contribuem para que o jornal **O Mossoroense** tenha caído no gosto dos grandes empresários. O periódico mantém leitores hoje em todas as regiões do Rio Grande do Norte, alcançando 70 municípios, incluindo dos Estados vizinhos do Ceará e Paraíba.

Para o diretor administrativo da Rede Resistência de Comunicação Alvanilson Carlos, o centenário chega diariamente à casa de dois mil assinantes, sem contar com o número crescente de exemplares vendidos avulso nas bancas. "Essa grande circulação mantida pelo jornal ajuda na construção das parcerias que mantemos. É em função do trabalho que apresentamos há tanto tempo que resulta sempre num retorno em termos de melhorias na fatura-

mento das empresas", destaca.

A garantia de retorno do investimento é o principal fator apresentado por aqueles que escolhem **O Mossoroense** para anunciar. "**O Mossoroense** é um jornal antigo e que possui muita credibilidade. Anuncio há sete anos e nunca me arrependi, pois sempre há retorno à empresa", afirma Jair Queiroz.

O jornal está entre os veículos preferenciais para a divulgação de produtos e serviços destinados aos consumidores

das mais variadas faixas de renda. A tradição em jornalismo de qualidade também é um fator importante na hora de anunciar. "Temos uma parceria grande com o veículo há mais de 10 anos pelo respeito de tantos anos de carreira e também por ele ser muito lembrado em todo o Estado, sem contar a importância de levar praticamente o nome da cidade", diz Júnior Reboças.

Além disso, o jornal **O Mossoroense** já mostrou que tem compromisso com a in-

formação e com o leitor, contribuindo ainda mais para manter parcerias de longas datas, como é o caso do Grupo Porcino, que anuncia no centenário há mais de 30 anos. "Este veículo é um dos mais antigos do País e possui uma boa reputação. Por tanto tempo que está em circulação já deu enormes colaborações para o crescimento de Mossoró e de todo o Estado. É público e notório que ele já se consolidou e está no caminho certo", ressalta Júnior Porcino.